

SUBVERSÕES EM *EU, TITUBA... BRUXA NEGRA DE SALEM*: REFLEXÕES SOBRE A CRÍTICA PROVOCADORA DE MARYSE CONDÉ

Beatriz Tereno Correa Genial¹

Resumo: Este artigo visa explorar os conceitos críticos enfatizados por Maryse Condé em suas entrevistas, com o propósito de identificar como essas concepções se manifestam em sua obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*. Para atingir esse objetivo, serão consideradas as entrevistas conduzidas por Françoise Pfaff com a autora guadalupense, de forma a analisar suas ponderações críticas e a imagem autoral que ela projeta de si. Além disso, será traçado um panorama geral dos pensamentos críticos presentes em três das principais publicações acadêmicas de Condé: sua tese *Stéréotype du noir dans la littérature antillaise: Guadeloupe - Martinique* (1976); o ensaio *La parole des femmes* (1979); e o artigo "Order, disorder, freedom, and the West Indian Writer" (1993). Através da compreensão das ideias centrais defendidas pela escritora antilhana e do caráter provocador que ela passa em sua figuração autoral, o estudo se concentrará na análise do romance, com ênfase em ressaltar a natureza subversiva da protagonista no contexto colonial, em consonância com os princípios analíticos de Maryse Condé.

Palavras-chave: Maryse Condé; crítica; literatura antilhana; Tituba; subversão.

SUBVERSIONS IN *I, TITUBA... BLACK WITCH OF SALEM*: REFLECTIONS ON MARYSE CONDE'S PROVOCATIVE CRITIQUE

Abstract: This article aims to explore the critical concepts emphasized by Maryse Condé in her interviews, in order to identify how these conceptions are manifested in her work *I, Tituba: Black Witch of Salem*. To achieve this goal, the interviews conducted by Françoise Pfaff with the Guadelupense author will be considered, in order to analyze her critical ponderings and the authorial image she projects of herself. In addition, an overview of the critical thoughts present in three of Condé's main academic publications will be drawn up: her thesis *Stéréotype du noir dans la littérature antillaise: Guadeloupe - Martinique* (1976); the essay *La parole des femmes* (1979); and the article "Order, disorder, freedom, and the West Indian Writer" (1993). Through an understanding of the central ideas defended by the Antillean writer and the provocative character she conveys in her authorial figuration, the study will focus on analyzing

¹ Graduada em Letras nas habilitações Português-Francês (FFLCH-USP). E-mail: beatrizt.c.genial@gmail.com

the novel, with an emphasis on highlighting the subversive nature of the protagonist in the colonial context, in line with Maryse Condé's analytical principles.

Keywords: Maryse Condé; criticism; Antillean literature; Tituba; subversion.

Introdução

A literatura antilhana ganhou mais enfoque com o passar dos anos e se constituiu com obras ricas e diversas que retratam, de modo direto ou indireto, as vozes de seus povos. Por estar em processo de ganhar mais visibilidade, suas produções destacam poucos nomes que são reconhecidos em ampla proporção, como Aimé Césaire, Édouard Glissant, Patrick Chamoiseau e Frantz Fanon, principais representantes dos movimentos da Negritude e da Crioulidade. No que se refere às vozes femininas da literatura caribenha, os nomes são mais diminutos, sem o devido reconhecimento que o grupo masculino teve. Nesse sentido, dentro de uma literatura já marginalizada produzida pelas Caraíbas, a produção literária composta e discutida pelas mulheres traz ainda mais o aspecto da exclusão, apesar da potência que as autoras apresentam.

No que diz respeito à literatura antilhana feminina, a importância da diversidade literária e da promoção do espaço para escritoras é fundamental para a evolução e o enriquecimento da literatura em geral, de modo que esta é uma poderosa ferramenta de expressão, reflexão e compreensão da sociedade. No entanto, ao longo da história, muitas vozes foram silenciadas de maneira sistemática, o que as tornou marginalizadas e sub-representadas nas narrativas literárias dominantes. A diversidade literária não se trata apenas de garantir que uma variedade de perspectivas culturais, étnicas, raciais e de gênero seja refletida nas páginas dos livros, mas também de criar um ambiente literário onde todas as vozes tenham a oportunidade de ser ouvidas e apreciadas. Diante disso, conforme a área desta pesquisa, é importante evidenciar as escritoras caribenhas e suas produções literárias, em busca de valorizar suas percepções de mundo e seus atributos na escrita.

À vista disso, dentro do seleto grupo de escritoras antilhanas, tais como Simone Schwarz-Bart, Suzanne Césaire, Françoise Ega e Yanick Lahens, o nome de Maryse Condé é um dos que mais ressoa e se expande em proporções mundiais, o que contribuiu para quebrar barreiras da literatura caribenha. Assim, apesar de ser premiada por suas obras e se destacar no meio literário antilhano, Condé repercutiu para outras nacionalidades apenas em 2018, quando ganhou o Nobel alternativo de literatura e recebeu mais enfoque para suas produções. Embora toda a obra da

escritora apresente críticas sociais que envolvem colonialismo, racismo, identidade e gênero, ela também produziu textos acadêmicos voltados para a crítica no início de sua carreira, o que foi um pontapé inicial para a formação como escritora de literatura de fato. Diferentemente dos fundadores do movimento da Crioulidade, Condé não se destacou no âmbito da crítica – e esse nem mesmo era o seu objetivo –, mas isso não significa que ela não a carrega consigo em seus textos, o que se tornou, na verdade, uma das características de sua marca autoral. Dessa maneira, ainda que sua imagem esteja mais vinculada às obras ficcionais e autobiográficas, a autora guadalupense construiu seu lugar na crítica antilhana, pois ela se afirma nesse espaço de opinião e traz sua visão de mundo de forma autêntica, irônica e provocadora.

Com base nesse contexto, o objetivo principal deste estudo é destacar o caráter subversivo da protagonista de *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, ficção histórica ambientada nas colônias. Isso posto, a análise será fundamentada pela posição crítica defendida por Maryse Condé em suas entrevistas concedidas a Françoise Pfaff, publicadas em forma de livros nos anos 1993 e 2016, em busca de identificar o *ethos* discursivo presente nas principais ideias expressas pela escritora. Além disso, será traçado um breve panorama das concepções críticas da autora guadalupense por meio de suas produções acadêmicas, tais como a tese *Stéréotype du noir dans la littérature antillaise: Guadeloupe - Martinique* (1976), o ensaio *La parole des femmes* (1979) e o artigo "Order, disorder, freedom, and the West Indian Writer" (1993).

Ao relacionar o *ethos* autoral de Condé, evidenciado nas entrevistas conduzidas por Françoise Pfaff, com a análise da personagem Tituba, o artigo visa identificar as principais abordagens teóricas da autora que se alinham à subversão presente em sua obra ficcional. Nesse sentido, pretende-se destacar as nuances da complexidade da personagem Tituba frente ao contexto da literatura antilhana. Por fim, para aprimorar essa análise, é importante explorar ainda mais as conexões entre as reflexões de Maryse Condé e o cenário literário antilhano, que, apesar de ter ganhado notoriedade, merece uma consideração mais aprofundada no meio acadêmico.

O espírito opositor de Condé

Este estudo vai tratar de algumas ideias destacadas por Maryse Condé em suas entrevistas e textos críticos, a fim de analisar os ecos que ressoam em seu romance. Para isso, cabe destacar a noção de autoralidade no âmbito do discurso

desenvolvida pelo linguista Dominique Maingueneau, que afirma que o autor é uma instância que enuncia e é indissociável do texto, o que implica também o contexto no qual ele se insere (2010, p. 25-26). Dentro dessa perspectiva, Maingueneau também frisa o pensamento de Michel Foucault, que afirmava a necessidade de os enunciados das obras trazerem aspectos da expressão do escritor, isto é, fragmentos de seus pensamentos, experiências, ideologias etc., o que deveria aportar a personalidade singular do autor no texto (2010, p. 31). Nesse sentido, sobre a construção da imagem do autor, Maingueneau afirma que o escritor sempre constrói uma imagem através de sua apresentação verbal e não verbal, que também é moldada pelo público e pelas representações coletivas da época (2010, p.144).

A partir desses conceitos, o linguista francês desenvolve a concepção de *ethos*, uma noção discursiva formulada pelo processo interativo do discurso, o que leva em consideração um comportamento avaliado em determinada conjuntura sócio-histórica (MAINGUENEAU, 2008, p. 17). Com base nessa proposição de Maingueneau, a professora e pesquisadora Ruth Amossy ressalta que na antiguidade o *ethos* era visto como a construção de uma imagem de si que tinha por objetivo conquistar o sucesso do ato oratório, mas a concepção moderna do *ethos* evoluiu para a ligação dos conceitos pós-modernistas, que abarcam reflexões sobre a noção de sujeito, ideologia e escritura, de forma que essa perspectiva se tornou associada a um posicionamento político (AMOSSY, 2005, p.23). Além disso, em seu estudo sobre a natureza do autor, Amossy (2012) defende que a postura do escritor e as imagens projetadas no discurso para se posicionar estão relacionadas às imagens do autor que emergem na obra literária e contribuem para sua posição nesse cenário.

Com base nessas noções projetadas por Maingueneau e Amossy, o objetivo dessa abordagem não é focalizar em uma análise discursiva nas entrevistas de Maryse Condé, mas aproveitar esse gênero que permite uma melhor apresentação que o autor faz de si para destacar as ponderações mais críticas que emergem em suas obras. Assim, através da imagem que a escritora Maryse Condé constrói em suas conversas com Françoise Pfaff, espera-se relacionar sua postura discursiva e os posicionamentos em suas obras críticas, com o objetivo de fundamentar uma análise da personagem Tituba a partir dessas concepções. Dessa forma, é importante trazer uma apresentação do comportamento autoral da escritora, em busca de já salientar sua essência provocadora.

A autora guadalupense Maryse Condé se tornou muito reconhecida pela versatilidade de suas obras, pois ela sempre esteve em busca de novas formas narrativas e tramas originais para abordar tópicos sociais importantes, o que trouxe um papel significativo para a expansão da literatura caribenha em várias dimensões. Ao adotar o posicionamento autoral que se tornou sua assinatura, Condé traz muitos

elementos irônicos em sua obra, o que, segundo ela, é um traço de personalidade que sobressai em sua escrita (PFAFF, 2016, p.59). No que se refere a outros artifícios autorais, a escritora também faz uso da intertextualidade em seus livros ao trazer referências sutis ou mais explícitas, como foi o caso da presença de Hester Prynne, protagonista de *A Letra Escarlate* (1850), de Nathaniel Hawthorne, em seu romance *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*. Ademais, para além desse aspecto da intertextualidade, a escritora ainda desenvolve o conceito de canibalismo literário, uma forma de se apropriar de outros textos e adaptá-los com uma expressão mais pessoal (PFAFF, 2016, p.61), concepção que ela adotou a partir do *Manifesto Antropofágico* (1928), de Oswald de Andrade. Assim, esses recursos literários constituíram parte do *ethos* autoral de Maryse Condé, sendo presentes em grande parte de suas produções. Contudo, os textos críticos da autora são pouco reconhecidos dentro de sua vasta obra, mas o conhecimento deles nos faz entender um pouco sobre o posicionamento da escritora, o que torna nossa experiência de leitura mais rica.

Em vista desse aspecto, o pesquisador Nick Nesbitt pontua o valor que esses textos possuem em seu artigo sobre o pensamento crítico da autora:

Os textos críticos de Condé atestam uma investigação metódica da história, da cultura e da literatura das Antilhas que deu frutos maduros. Embora eles nos digam muitas coisas sobre a literatura e a cultura antilhana em si, esses estudos também permitem que os textos de Condé alcancem uma riqueza e uma profundidade que vão além de meras reflexões pessoais e anedóticas sobre a experiência diaspórica africana. Seria errado pensar que Condé abandonou suas primeiras investigações acadêmicas sobre a cultura antilhana para escrever ficção. Na minha opinião, todo o seu trabalho é precisamente a continuação da investigação metódica que encontramos nesses primeiros textos acadêmicos. O que muda não é essa vontade de investigação metódica e objetiva, mas sim as formas pelas quais essas investigações são objetivadas para nós, leitores. (NESBITT, 2003, p. 393, tradução nossa).²

² Original em inglês: "Condé's critical texts testify to a methodical investigation of Antillean history, culture, and literature that has born mature fruit. While they tell us many things about Antillean literature and culture in itself, these studies also allow Condé's writing to achieve a richness and depth beyond any mere personal, anecdotal reflections on African diasporic experience. It would be wrong to think that Condé abandoned her early scholarly investigations of Antillean culture to write fiction. In my view, the entirety of her work is very precisely the continuation of the methodical investigation we find in these early scholarly texts. What changes is not this will to methodical and objective investigation, but rather the forms in which these investigations are objectified for us as readers (NESBITT, 2003, p. 393)."

No que diz respeito a essa linha de pensamento, é importante mencionar os posicionamentos críticos que Maryse Condé defende em suas obras acadêmicas, visto que constituem uma forma de pensamento da autora. Por conseguinte, um panorama geral será feito a partir das seguintes produções: *Stéréotype du noir dans la littérature antillaise: Guadeloupe – Martinique*; *La parole des femmes*; e “Order, disorder, freedom, and the West Indian Writer”.

Em *Stéréotype du noir dans la littérature antillaise: Guadeloupe - Martinique*, tese defendida em 1976, Maryse Condé analisa a representação do negro na literatura antilhana. Dessa maneira, ela destaca os estereótipos associados à escravidão e ao colonialismo, que trazem uma imagem negativa e reportam o negro como escravo, objeto sexual, primitivo e inferior. A esse respeito, Condé comentou em uma entrevista com Françoise Pfaff sobre o objetivo de sua pesquisa ao estudar a imagem dos negros vista por autores antilhanos. Ao ser questionada sobre o que encontrou, ela resume:

Eles sempre foram retratados como pessoas que foram vítimas. E também espontâneas, sensíveis, conectadas com a natureza. Questionei o "negro" da Negritude. Foi então que descobri escritoras como Michèle Lacrosil e Suzanne Lacascade, e percebi que a representação feminina da sociedade antilhana era muito mais poderosa e crítica (PFAFF, 1993, p. 33, tradução nossa).³

Nesse mesmo sentido, a autora também publicou o artigo “La littérature féminine de la Guadeloupe: recherche d’identité”, no qual o tópico da procura de identidade trazido em sua tese se tornou mais específico para o campo feminino. Assim, logo no início do texto, ela pontua a versão que o Ocidente construiu sobre a mulher negra: “O Ocidente tem uma visão bastante simplista das mulheres negras. Acredita-se comumente que, como membro de dois mundos inferiores, o mundo negro e o mundo feminino, ela é duplamente inferior - em ambos os aspectos” (CONDÉ, 1976, p. 155, tradução nossa).⁴

³ Original em francês: “On les dépeignant toujours comme des gens qui étaient des victimes. Et aussi spontanés, sensibles, liés avec la nature. J’ai remis en question le “nègre” de la Négritude. C’est alors que j’ai découvert des écrivains comme Michèle Lacrosil, Suzanne Lacascade et je me suis aperçue que la peinture de la société antillaise par les femmes était autrement plus percutante, critique (PFAFF, 1993, p. 33).”

⁴ Original em francês: “L’Occident a de la femme noire une vision assez simpliste. Il pense communément qu’appartenant à deux mondes infériorisés, le monde noir et le monde féminin, elle le serait doublement – à ces deux titres.”

Anos mais tarde, Condé trouxe o ensaio *La Parole des femmes*, onde procurou entrevistar autoras do Caribe francófono para estudar a imagem que elas tinham de si e seus problemas enfrentados. Através de uma estrutura que compreende a infância e as grandes experiências femininas, a autora destacou a interiorização de violências sociais que alteram a subjetividade da mulher. Como conclusão, Maryse Condé destacou que, de maneira geral, a palavra feminina poucas vezes é triunfante, de forma que as mulheres são vistas em uma condição de exploradas e dependentes, mas as frustrações, ansiedades e recusas se enunciam de modo diverso no contexto antilhano. Em entrevista com Françoise Pfaff, ela também explica que as escritoras antilhanas se exprimem de maneira diferente dos homens, sem reivindicações políticas ou consciência de lutas, mas possuem interesse por temas intimistas, como problemas com a cor, relacionamentos com os homens, seus filhos e a imagem negativa e ambígua que se tem delas, de forma que expressam a dificuldade de ser mulher nas Antilhas (PFAFF, 1993, p.60).

Em “Order, Disorder, Freedom and The West Indian Writer”, artigo publicado em 1993, Maryse Condé trata da identidade antilhana e da existência de uma literatura própria. Com uma crítica aos padrões literários impostos pelos autores de *Éloge de la Créolité* (1989) na seção “Order”, a autora simplifica as propostas do movimento em uma tentativa de dessacralizar a Crioulidade e sai em defesa de que a crise na literatura se dá pelo excesso de ordem. Já na seção “Disorder”, Condé pontua alguns temas em comum entre as escritoras e relaciona o feminino com o poder criativo e a desordem.

Sempre que as mulheres se manifestam, elas desagradam, chocam ou perturbam. Seus escritos sugerem que, antes de pensar em uma revolução política, a sociedade antilhana precisa de uma revolução psicológica (1993, p. 131, tradução nossa).⁵

Por fim, em “Freedom” a autora trata sobre a necessidade da literatura se desvencilhar de padrões impostos, de modo que ela frisa a necessidade de liberdade para os escritores seguirem fora de princípios pré-estabelecidos em suas produções: “Embora as Antilhas proclamem ser revolucionárias e capazes de mudar o mundo, ao contrário, o escritor e o leitor concordam implicitamente em respeitar o retrato

⁵ Original em inglês: “Whenever women speak out, they displease, shock or disturb. Their writings imply that before thinking of a political revolution, West Indian society needs a psychological one”.

estereotipado de si mesmos e de sua sociedade” (CONDÉ, 1993, p. 134, tradução nossa).⁶

De forma geral, os textos acadêmicos elaborados por Condé criticam a noção estereotipada da literatura antilhana e do povo que é representado por ela. Por ser contra padronizações literárias, a autora se posiciona em desacordo às proposições trazidas pelo movimento da Crioulidade, de modo que ela defende a liberdade de criação como uma necessidade a ser disposta pelos escritores. Por fim, ela também se demonstra muito interessada nas representações literárias femininas por meio de seus ensaios, de maneira que esse tópico se tornou muito abordado em sua obra acadêmica e em seus romances.

Além dos recursos literários que constituem sua performance autoral e seus ensaios sobre a literatura antilhana, Maryse Condé constrói um posicionamento provocador e um espírito opositor, o que torna sua marca pessoal mais autêntica e o seu *ethos* autoral ainda mais marcado. Dentro dessa concepção, a autora recusa de modo incisivo qualquer etiqueta sugerida no intuito de defini-la. Em uma das entrevistas com Françoise Pfaff, ela recebe a pergunta sobre ser uma escritora francófona, da qual rebate:

Eu já lhe disse que escrevo em Maryse Condé. Dizer que Maryse Condé é uma escritora francófona não significa nada. É um rótulo conveniente que as pessoas usam para me distinguir de Norman Mailer ou Philip Roth, que são anglófonos. Mas como escritora, eu me vejo de forma diferente. A maneira como um escritor se vê é sempre diferente do rótulo conveniente que está preso em suas costas. (PFAFF, 2016, p. 71, tradução nossa)⁷

Através de sua resposta é possível perceber que, assim como os estereótipos aplicados aos negros na literatura, a autora é contra o emprego de etiquetas. Além disso, nas entrevistas mais antigas com Pfaff, ao ser questionada sobre seu espírito provocador, a escritora caribenha crava a sua marca:

⁶ Original em inglês: “Although West Indian proclaims to be revolutionary and to be able to change the world, on the contrary, writer and reader implicitly agree about respecting steryotypical portrayal of themselves and their society.”

⁷ Original em francês: “Je t’ai déjà dit que j’écris en Maryse Condé. Dire que Maryse Condé est un écrivain francophone ne veut rien dire. C’est une étiquette commode qu’on me met pour me distinguer de Norman Mailer ou de Philip Roth, qui sont anglophones. Mais moi, en tant qu’écrivain, je me vis différemment. Le regard que l’écrivain porte sur lui-même est toujours différent de l’étiquette commode qu’on colle sur son dos.”

Escrevo para mim mesma, mas também escrevo para provocar as pessoas, para forçá-las a aceitar coisas que não querem aceitar, a olhar para coisas que não querem ver. Acho que é isso que domina todos os meus livros: essa necessidade de perturbar todo mundo (PFFAF, 1993, p. 49, tradução nossa)⁸.

De forma geral, Condé conta com um repertório crítico que ressoa nas entrevistas e emerge nas obras de ficção. Por meio da análise de seu posicionamento discursivo e de sua produção acadêmica, é possível ter uma noção do pensamento da autora em relação aos conceitos estabelecidos pelo movimento da Crioulidade, ao estereótipo dos negros alimentado na literatura antilhana e aos temas seguidos por escritoras caribenhas. À vista disso, ao somar seus estudos pautados na literatura caribenha, os artifícios literários que constituíram sua assinatura e ainda seu espírito crítico e opositor, somos contemplados com obras valiosas que trazem muito da essência analítica de Condé, como é o caso do livro estudado nesta pesquisa.

Subversões em *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*

Publicada em 1986, a obra de Maryse Condé sobre a personagem Tituba, a escravizada acusada de bruxaria e esquecida nos registros históricos, se tornou uma das mais populares da autora, demonstrando o seu talento para a ficcionalização histórica. No que concerne ao processo de criação do romance, Maryse Condé explicou no livro de entrevistas de Françoise Pfaff que as experiências de racismo que sofreu enquanto professora nos Estados Unidos a aproximaram de Tituba (PFAFF, 2016, p. 116-117), de modo que ela se identificou com a exclusão sofrida por essa figura.

Diante desse último tópico trazido por Pfaff na entrevista, Condé diz muito sobre sua postura frente a sua obra no que diz respeito à imagem autoral que emerge no texto, de modo que a sua explicação deixa evidente a forma como ela se colocou na narrativa.

⁸ Original em francês: "J'écris pour moi-même mais j'écris aussi toujours pour provoquer les gens, pour les obliger à accepter de choses qu'ils n'ont pas envie d'accepter, à regarder des choses qu'ils n'ont pas envie de regarder. Je crois que c'est cela qui domine dans tous mes livres: ce besoin de déranger tout le monde".

Em *Eu, Tituba, bruxa...* Noire de Salem era certamente eu diante dos outros. Eu estava na América e havia descoberto a forma americana de racismo. Durante o ano em que fiquei no Occidental College, nenhum colega me convidou para tomar uma xícara de café, exceto Anabelle Réa. Eu era invisível! Eu não estava acostumada a esse tipo de apagamento. Na França, o racismo é agressivo e violento, mas pelo menos você tem a impressão de que existe. Então, na verdade, Tituba sou eu, disfarçada de bruxa e vivendo os julgamentos de Salem, mas sou eu! (PFAFF, 2016, p. 116-117, tradução nossa)⁹

Assim, ao conceber o romance colonial, Maryse Condé traça o caminho de Tituba e desenvolve sua jornada desde o país colonizado de Barbados, onde cultivou seus dons com as ervas e a comunicação com os "invisíveis", até uma América puritana e conservadora, onde sofreu a exploração da escravidão e a tortura devido às acusações de bruxaria. Como é pontuado por Ana Carolina Andrade Pessanha Cavagnoli em sua tese sobre o romance, ao conferir voz à personagem invisibilizada na história, a autora a faz ressurgir do passado marginalizado como uma mulher subalterna, o que lhe passa autoridade para restaurar sua narrativa (CAVAGNOLI, 2016, p. 22). Dessa maneira, Condé constrói um discurso contra essa subalternidade da protagonista, elevando a voz de Tituba para lhe certificar poder em uma perspectiva descolonial.

Portanto, a escritora guadalupense traz uma protagonista subversiva, que embora faça parte de um contexto opressivo, reafirma sua autoridade nas circunstâncias em que isso é possível, seja em sua terra natal, Barbados, seja nas colônias inglesas, onde todas as convenções são contra o que ela representa: o feminino, a negritude e a bruxaria. Dessa forma, esta seção visa analisar a obra de Condé com foco na crítica opositora da autora e na subversão da personagem Tituba, em busca de explorar como essa reinterpretção desafia as concepções tradicionais e contribui para a descolonização da literatura.

No que se refere ao espírito provocador da escritora no romance, é possível observá-lo já a partir do título. Apesar de a autora se declarar contra o uso de etiquetas

⁹ Original em francês : "Oui, *Moi, Tituba, sorcière...* Noire de Salem était certainement moi en face des autres. J'étais en Amérique et j'avais découvert la forme de racisme américain. Pendant un an que je suis restée à Occidental College, pas un collègue ne m'a invitée à prendre une tasse de café à part Anabelle Réa. J'étais invisible ! Je n'avais pas l'habitude de cet effacement. En France, le racisme est agressif, violent, mais au moins on a l'impression d'exister; donc en fait, Tituba c'est moi, déguisée en sorcière et vivant le procès de Salem, mais c'est moi !".

para a definição de qualquer coisa, é isso o que ela parece fazer com o título *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, o que traz toda a subalternidade da personagem como uma forma de rotulação. Contudo, o nome do livro representa mais do que apenas um rótulo para a protagonista, pois o uso da primeira pessoa traz a autoridade de Tituba para aportar sua identidade. Nesse sentido, a pesquisadora Ana Carolina Cavagnoli defende que o título conferiu poder a Tituba para a categorização de sua individualidade, de modo que ela informa de quem se trata, o que faz e de onde vem, mas também parece querer revelar outro sentido para esses conceitos, conforme é possível observar durante a leitura do livro (2016, p.99).

Assim, Maryse Condé vai além dessas categorizações na construção de Tituba, de forma que ela entrega uma protagonista complexa e multifacetada devido às diversas situações pelas quais é obrigada a passar dentro do meio colonial. Inclusive, em um momento crucial da trama, Tituba se utiliza dos rótulos que são aplicados a ela pela população puritana para se livrar das consequências do tribunal, se apoderando das etiquetas negativas para performar e subverter a situação em que se encontrava. Dessa forma, a postura de Condé contra as etiquetas ressaltada em seu posicionamento crítico e discursivo se desenvolve em uma estratégia na obra estudada, o que faz da rotulação uma maneira de subverter padrões, tanto no aspecto superficial que o título do livro passa quanto nas circunstâncias repressivas a que Tituba é submetida.

Uma outra reflexão que se pode considerar a partir do título é a oposição de Maryse Condé em seguir os princípios de coletividade propostos pelo movimento da Crioulidade. A esse respeito, em seu artigo “Penser la créolité” (1995), a autora assinala: “No entanto, a literatura antilhana sempre foi uma expressão da comunidade. Escrever é um ato coletivo. Mesmo quando dizem ‘eu’, espera-se que os escritores das Antilhas pensem em ‘nós’”¹⁰. Logo, como opositora de qualquer imposição, além do próprio título implicar a individualidade de Tituba, a personagem compõe sua identidade ao longo de sua trajetória de forma autossuficiente, cultivando sua própria voz ao invés de transportá-la para a coletividade.

Nesse sentido, quando Tituba se envolve com o líder dos maroons e tem a oportunidade de pertencer a uma comunidade no fim de sua trajetória, ela percebe que não é tão bem-vinda quanto gostaria, de modo que prefere se afastar e viver em solitude, mesmo estando grávida.

¹⁰ Original em francês: “Pourtant la littérature antillaise s’est toujours voulue une expression de communauté. Écrire se veut un acte collectif. Même quand il dit ‘je’, l’écrivain antillais est censé à penser ‘nous’”.

Quando eu tentava perguntar sobre como tinha sido seu dia, ele me respondia com monossílabos exasperados.

— Disseram que você está preparando uma revolta geral com os de Saint James.

— Mulher, cala a boca!

— Disseram que você encontrou por acaso um lote de rifles quando atacava um depósito de munições em Wildey.

— Mulher, você não consegue dar descanso aos meus ouvidos?

Uma noite ele soltou:

— Você nada mais é que uma negra muito ordinária e quer que te tratem como se fosse preciosa?

Entendi que eu precisava ir, minha presença não era mais desejada (CONDÉ, 2022, p. 221).

Dessa forma, pode-se perceber que um dos pontos que mais se destaca da crítica provocadora de Maryse Condé no livro é a consagração do “Eu” de Tituba, o que abarca o processo de construção de sua própria voz e o seu desenvolvimento ao longo da trama. Ao estabelecer um diálogo com a postura de Condé nas entrevistas realizadas por Pfaff, é possível demarcar essa consagração individual quando a autora traz o posicionamento já mencionado de escrever em si mesma e para si mesma, o que se tornou uma das marcas pessoais dela. Em uma atitude contrária à exaltação de comunidade proposta pelos movimentos liderados por escritores antilhanos, Condé traz uma protagonista que não se encaixa em grupos, que, apesar de ajudar a comunidade com seus dons, tem sua forma verdadeira renegada, o que a leva ao desenvolvimento pautado no individualismo. Portanto, ao recusar a seguir os preceitos específicos de *Éloge de la Créolité*, a escritora varia suas opções de escolha ao decidir não retratar uma comunidade unida, mas uma personagem diferente e importante de sua própria forma (VANBORRE; CARUGGI; 2010, p. 67).

Uma outra crítica implícita na obra concerne à tese desenvolvida pela autora sobre a visão popular do negro na literatura antilhana. Diante da noção estereotipada dos negros como vítimas e fragilizados, Condé traz uma protagonista forte que, apesar de ser subordinada ao meio colonial, faz o possível para subverter o seu contexto e não tem medo de utilizar seus poderes, mesmo que seja para seu próprio benefício ou dos seus. Tratada como subalterna nos dois meios em que se estabeleceu, a protagonista de Condé se constituiu como uma personagem agente de sua própria história, pois transgrediu padrões que lhes foram aplicados e continuou a cultivar seus dons com as ervas e a se comunicar com o sobrenatural. Desse modo, como ressalta a pesquisadora Maryse Sullivan em seu artigo sobre a personagem, mesmo que a

bruxaria fosse repelida com veemência, Tituba a utilizou como uma forma de resistência, sobrevivência e recurso para transformar sua realidade (SULLIVAN, 2017, p. 79).

Um outro ponto que cabe ser considerado em relação à figura estereotipada da mulher negra vitimizada pelo meio colonial e inquisitorial é o fato de ela ser inocente das acusações e, como escravizada doutrinada pelo contexto religioso, ser temente a Deus, assim como seus senhores. Em vista disso, permito-me considerar que a autora poderia fortalecer esse estereótipo ao criar uma protagonista injustiçada por inteiro pelas pessoas ao redor, mas escolheu romper com esse paradigma ao trazer uma personagem que, apesar dos falsos julgamentos do termo, se identifica e se reafirma como bruxa. Ao atribuir essa identidade para Tituba, Maryse Condé também abordou os conceitos e as práticas relacionados com a bruxaria, compondo a caracterização completa da personagem. Nessa perspectiva, a acadêmica Maryse Sullivan aborda esse aspecto contestador da personagem ao comentar sua relação com a religião da época.

Tituba não abraçou cegamente a cultura de seu novo país em sua chegada à Nova Inglaterra. Pelo contrário, no romance de Condé, Tituba rejeita a religião cristã e exerce julgamento crítico ao questionar as normas e crenças da sociedade americana. Ela não tem medo do demônio como a Tituba de Miller e ela ri das atividades satânicas associadas a ele. Ao dar à personagem um caráter mais analítico e contestador, o texto de Condé desconstrói a imagem da escrava ingênua, crédula e turbulenta, tão frequentemente associada a Tituba nas histórias sobre os julgamentos de Salem (SULLIVAN, 2017, p. 76, tradução nossa).¹¹

Uma outra quebra de paradigma apresentada por Tituba é a recusa à maternidade. Diante da noção de que muitas mulheres negras são estereotipadas como cuidadoras com disposição maternal na literatura, é válido mencionar que Condé destaca as condições degradantes do meio colonial para quebrar esse aspecto

¹¹ Original em francês: "Tituba n'adhère pas aveuglément à la culture de son nouveau pays à son arrivée en Nouvelle-Angleterre. Au contraire, dans le roman de Condé, Tituba repousse la religion chrétienne et fait preuve de jugement critique en interrogeant les normes et les croyances de la société américaine. Elle n'a pas peur du diable comme la Tituba de Miller et elle rit des activités sataniques qui lui sont rattachées. En donnant au personnage un esprit plus analytique et contestataire, le texte de Condé déconstruit l'image de l'esclave naïve, crédule et endiablée, si souvent associée à Tituba dans les histoires traitant des procès de Salem."

da protagonista. Por isso, Tituba trata desse assunto de maneira crua e direta, o que sensibiliza o leitor, mais uma vez, com a brutalidade de seu contexto.

Foi um pouco depois disso que me dei conta de que estava carregando em mim uma criança e decidi matá-la (...) Para uma escravizada, a maternidade não é uma alegria. Ela vem para expelirmos, em um mundo de servidão e abjeção, um pequeno inocente, cujo destino será impossível de mudar. Durante toda a minha infância, vi pessoas escravizadas assassinar seu recém-nascido, plantando um longo espinho no ovo ainda gelatinoso de sua cabeça, cortando com uma lâmina envenenada seu cordão umbilical ou, ainda, abandonando-o à noite em algum lugar percorrido por espíritos zangados. Durante toda a minha infância, ouvi escravizadas trocando receitas de poções, de lavagens, injeções que esterilizavam para sempre sua matriz e a transformava em túmulos revestidos de mortalhas vermelhas (CONDÉ, 2022, p. 83-84).

Dessa maneira, Maryse Condé rompe com a romantização da maternidade no meio colonial ao trazer uma visão mais rígida e menos emotiva da protagonista quanto a essa condição. Além disso, o poder de escolha conferido à Tituba sobre seu corpo para a realização do aborto também pode ser visto como um protesto à sua conjuntura social (CAVAGNOLI, 2016, p. 137), o que expressa, mais uma vez, o poder subversivo da personagem.

Uma outra quebra de padrão que pode ser observada é a relação da protagonista de Condé com a sua ilha natal. Em sua tese, Cavagnoli comenta sobre a frequência com que as escritoras caribenhas representam suas protagonistas como frustradas na busca pela identidade, o que acaba por tornar as ilhas antilhanas um local de isolamento e de não realizações (2016, p. 138-139). A propósito desse relacionamento com a terra de origem, Françoise Pfaff relembra de uma antiga entrevista em que Maryse Condé comparou as Antilhas como a sua mãe natural que ela precisava se acertar e a África como uma mãe adotiva que ela gostaria de ter (PFAFF, 2016, p. 35). Ao ser questionada sobre como acertou as contas com seu antigo lar, a autora se coloca de forma íntima a ele e demonstra o reconhecimento de sua identidade.

Era eu que tinha uma expectativa em relação a ela que nada poderia satisfazer. No início, essa expectativa era totalmente irrealista, mas foi

só mais tarde que me dei conta disso. No início, fiz tudo o que podia, mas com o passar do tempo, percebi onde estava errando. As Antilhas foram uma revelação de minhas próprias limitações. Levei muito tempo para entender que as Antilhas não podiam ser perfeitas e que eu, Maryse, também não era perfeita (PFAFF, 2016, p. 35-36, tradução nossa).¹²

Dentro desse aspecto trazido em sua entrevista, Condé destaca Tituba como uma personagem que, escravizada em Nova Inglaterra, vê Barbados como uma reconexão e um refúgio. Além disso, Cavagnoli também ressalta em sua pesquisa que foi como prisioneira em uma cela que a protagonista criou um ponto de virada em sua história, estabelecendo a aliança com Hester Prynne e performando em seu interrogatório frente às acusações de bruxaria (2016, p. 139). Isso posto, podemos perceber que Maryse Condé traz uma protagonista cuja motivação é retornar para o seu lar em Barbados, quebrando a noção de prisão que a ilha possa representar e conferindo conscientização sobre sua origem antilhana, mas sem definir uma ideia identitária. A esse respeito, de forma contrária ao movimento de *Éloge de la créolité*, Condé já ponderou sobre a identidade antilhana ao ser questionada por Pfaff: "(...) eu não a defino; não é uma receita. Uma cultura é vivida. E acho que há várias maneiras de viver a identidade antilhana, da relação com o crioulo até à cultura popular" (1993, p. 113, tradução nossa).¹³

Maryse Condé também traz outra forma de contrariar o movimento da Crioulidade no que se refere à construção de uma única identidade, de forma que ela constrói uma protagonista multifacetada e promove o multiculturalismo. Desse modo, ao se constituir como híbrida, Tituba acolhe pessoas diferentes em transações culturais ao longo de sua jornada (SULLIVAN, 2017, p. 87). Sobre isso, Cavagnoli realça em sua pesquisa a questão sexual nas trocas de Tituba com "o outro" diferente dela:

¹² Original em francês: "C'est moi qui avais d'elle une attente que rien ne pouvait satisfaire. Au début, cette attente était totalement irréaliste, mais c'est après que je l'ai compris. Au début, j'ai fait feu de tout bois, mais j'ai vu, au fur et à mesure, là où je me trompais. Les Antilles étaient un révélateur de mes propres limites. Il m'a fallu du temps pour comprendre que les Antilles ne pouvaient pas être parfaites et que moi, Maryse, je n'étais pas non plus parfaite. "

¹³ Original em francês: "(...) je ne la définis pas; ce n'est pas une recette de cuisine. Une culture se vit. Et je crois qu'il a plusieurs manières de vivre l'identité antillaise, le rapport au créole, à la culture populaire."

(...) como ocorre quando se apaixona por John Indian (escravo mestiço, descendente de índios); com o judeu Benjamin; o maroon Christopher, e com o escravo revolucionário Iphigene. Condé também nos deixa livres para ver que Hester e Tituba se relacionam sexualmente na prisão (CAVAGNOLI, 2016, p. 119).

Dentro dessa concepção, a pesquisadora também destaca o relacionamento de Tituba com o português Benjamin Cohen d’Azevedo, que, apesar da conscientização da personagem sobre a situação subjugada em que se encontra, se demonstra satisfeita com ele. Assim, ela ainda frisa que, apesar de ser o homem mais diferente com quem a protagonista se relacionou, Tituba se abre às trocas culturais, linguísticas e religiosas com ele (CAVAGNOLI, 2016, p. 60).

Portanto, a escritora guadalupense não apenas rejeita a proposta de uma única identidade antilhana difundida pelo movimento da Crioulidade, como também traz o multiculturalismo como um elemento importante na sua obra. Além disso, ao trazer mais personagens marginalizados para dialogar com Tituba em sua jornada, ela também relaciona os desafios enfrentados por eles, como é o caso do racismo enfrentado pela protagonista e os outros escravizados, a dizimação dos ameríndios, a intolerância religiosa enfrentada pelos judeus e a submissão aplicada às mulheres. Dessa forma, ao criar a abertura da protagonista para com as diferentes pessoas que aparecem em seu caminho, Condé cria um diálogo e entrelaça os diferentes problemas sociais, compondo, assim, uma crítica que atravessa temáticas raciais, religiosas, culturais e de gênero.

Considerações finais

Este artigo se dedicou a explorar a subversão da personagem Tituba a partir das críticas implícitas de Maryse Condé na obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*. Ao longo do estudo, pudemos perceber a importância da literatura antilhana e das vozes femininas que proporcionam cada vez mais visibilidade para esse âmbito. A partir dessa noção, torna-se necessário destacar as contribuições de autoras como Maryse Condé, cujo talento e espírito provocador rompem com as narrativas tradicionais, desafiando estereótipos culturais e literários. Nesse contexto, a escrita de Condé se destaca como uma poderosa ferramenta de expressão, reflexão e compreensão da sociedade, o que não apenas amplia as perspectivas culturais,

étnicas e de gênero, mas também proporciona um espaço onde todas as vozes podem ser ouvidas e apreciadas.

Os posicionamentos críticos de Maryse Condé expressos em suas entrevistas e seus textos acadêmicos foram valorizados para explorar a imagem autoral que ela constrói de si e para promover uma maior compreensão de sua obra literária. Através de suas ponderações críticas, a autora provoca reflexões sobre questões cruciais, como estereótipos, identidade e gênero. Diante desse pressuposto, o estudo identificou a forma como a escritora guadalupense abordou essas questões em seu romance colonial, através da reinterpretação da personagem Tituba. A protagonista, uma mulher negra subalterna e escravizada, ganha voz nas mãos de Condé, que desafia representações tradicionais. Ao fazer isso, a autora traz à tona a autoridade de Tituba para recontar sua própria narrativa, dando-lhe poder para se afirmar e resistir às circunstâncias opressivas em que vive. Diante disso, cabe citar um comentário da tese desenvolvida por Cavagnoli: “Ao utilizar estratégias de leitura como a paródia, a ironia, as alusões históricas e a própria hipocrisia como ferramentas para uma narrativa descolonial, Condé denuncia a própria sociedade” (2016, p. 152).

Ao analisar a subversão da personagem Tituba, observamos como Maryse Condé quebra estereótipos e enfatiza a importância da voz individual em um contexto de coletividade forçada. A protagonista não se encaixa nos moldes de comunidade sugeridos por movimentos como o da Crioulidade, optando por se desenvolver de forma autossuficiente. Assim, é possível observar a crítica de Condé imposta já no título, com o destaque para o “Eu” de Tituba e a maneira como a personagem subverte os rótulos negativos que lhe são aplicados ao seu favor quando é julgada pela Inquisição. A autora também contesta o estereótipo da mulher negra vitimizada pelos homens, dando a Tituba um papel de protagonista forte que desenvolve senso crítico. Além disso, a personagem rejeita a maternidade, quebrando outra narrativa típica, e desafia as normas religiosas da sociedade puritana em que está inserida. Por fim, cabe destacar o multiculturalismo perpassado por Tituba em sua trajetória, de modo que isso permite que ela acolha “o outro” e amplie a visão para a diversidade. Com isso, Maryse Condé ainda abriu espaço para relacionar outras temáticas sociais, compondo uma crítica multifacetada da mesma forma que compõe a sua personagem.

De modo geral, Maryse Condé e sua obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* representam um testemunho do poder da literatura para desafiar normas, quebrar barreiras e dar voz àqueles que foram silenciados ao longo da história. Dessa forma, seu espírito provocador e instigante nos inspira a continuar a exploração e a valorização das diversas perspectivas promovidas pela literatura caribenha, e, em especial, pela literatura feminina.

Referências

- DE ANDRADE, Oswald. “Manifesto Antropófago: edição crítica e comentada”. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2011.
- AMOSSY, Ruth. “Da noção retórica de ethos à análise do discurso”. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- AMOSSY, Ruth. “A dupla natureza da imagem de autor”. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 19, n. 1, 2012.
- BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphael. **Éloge de la Créolité**. Paris: Gallimard, 1993.
- CAVAGNOLI, Ana Carolina Andrade Pessanha et al. **Quando os mortos começam a falar: por um feminismo negro descolonial na literatura afro-caribenha**. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- CONDÉ, Maryse. “La littérature féminine de la Guadeloupe: recherche d’identité”. **Présence africaine**, Paris, v. 3-4, n. 99-100, p. 155-166, 1976.
- CONDÉ, Maryse. **Stéréotype du noir dans la littérature antillaise : Guadeloupe-Martinique**. 1976. Tese (Doutorado) – Université Paris III, Sorbonne Nouvelle, Paris, 1976.
- CONDÉ, Maryse. **La parole des femmes : Essai sur des romancières des Antilles de langue française**. Paris : Éditions L’Harmattan, 1993.
- CONDÉ, Maryse. “Order, disorder, freedom, and the West Indian writer”. **Yale French Studies**, New Haven, v. 2, n. 83, p. 121-135, 1993.
- CONDÉ, Maryse. “Chercher nos vérités”. In : CONDÉ, Maryse ; Cottenet-Hage, Madeleine. **Penser la créolité**. Paris : Karthala, 1995.
- CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salém**. Tradução: Natalia Borges Polesso. 1º. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- MAINGUENEAU, Dominique et al. “A propósito do ethos”. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique et al. “Autor: a noção de autor em análise do discurso”. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. “Imagem de autor: não há autor sem imagem”. In: **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

NESBITT, Nick. "Stepping outside the magic circle: the critical thought of Maryse Condé". **Romanic Review**, Durham, v. 94, n. 3/4, p. 391-404, 2003.

PFAFF, Françoise. **Entretiens avec Maryse Condé: suivis d'une bibliographie complète**. Paris: Karthala, 1993.

PFAFF, Françoise. **Nouveaux entretiens avec Maryse Condé: écrivain et témoin de son temps**. Paris: Karthala, 2016.

SULLIVAN, Maryse. "Au ban de la société, à la frontière de l'Amérique: les sorcières et les marginaux dans *Moi, Tituba sorcière...* de Maryse Condé." **Voix Plurielles**, Kingston, v. 14, n.1, p. 72-85, 2017.

VANBORRE, Emmanuelle. "Écrire en marge de la théorie littéraire!". In: CARUGGI, Noëlle. **Maryse Condé : Rébellion et transgressions**. Paris: Karthala, 2010.

Submetido em: 20/12/2023

Aceito em: 20/05/2024